

## A ESPIRAL REALIMENTADORA DA *POIESIS* HUMANA

ZACCUR, Edwiges

Este tema se desdobra em espiral, projetando-se indefinidamente. Sendo a vida criação, sendo a criação vida, por onde começar quando se trata de um moto contínuo de iterações? Como se geram forças impulsionadoras que implicam necessariamente conservação e transformação? De que modos se articulam, negociam e conflitam resultantes que implicam iteração; interação e recriação? São algumas das interrogações que nos mobilizam a teorizar fenômenos recorrentes na linguagem do mundo e no mundo da linguagem, refratados no diálogo complementar e antagônico de diferentes discursos, linguagens e contextos, envolvendo comunicação e educação.

### **Todo dia, tudo sempre igual?**

*Todo dia ela faz tudo sempre igual/ me acorda às seis horas da manhã /me sorri um sorriso pontual/ e me beija com boca de hortelã ...* Mas não haveria nesse repetir um mínimo de diferença, alterando a cada dia a relação? Os versos de Chico Buarque nos chamam a pensar a ambigüidade do cotidiano. O próprio nome cotidiano, em sentido próprio, significa **cada dia**. E cada dia se abre também a encontros e desencontros, trocas e imprevistos que fazem a sua singularidade. No entanto, em sentido figurado, cotidiano diz do que é comum, habitual, familiar. A ambigüidade presente nos sentidos próprio e figurado de **cotidiano** parece projetar significações opostas: singularidade e generalidade.

Ocorre que o cotidiano põe em cena a idéia de tempo que nos remete, necessariamente, à instabilidade. Até para os meteorologistas algumas mudanças são surpreendentemente repentinas. Não por acaso, Briggs e Peat sinalizam que partiu de Edward Lorenz, um meteorologista, a descoberta de que discrepâncias irrisórias, envolvendo números irracionais no interior de um processo de iterações realimentadoras, terminavam magnificadas. Seus cálculos contribuíram para um novo aforismo - o de que uma borboleta esvoaçando em Hong Kong pode provocar uma borrasca em New York.

O tempo da natureza conjuga, assim, iterações imprevisíveis e repetição cíclica. Aqui se esbarram duas palavras que, etimologicamente, tinham sentidos próximos, apesar de nuances peculiares. Iterar, derivada de *iterare* - *repetir sem cessar, recomeçar, renovar e, na linguagem da agricultura, lavrar de novo*. Repetir vem do verbo *repet re*, que, em

sentido figurado, também significa recomeçar, rememorar, remontar e ainda tornar a pedir, reivindicar, reclamar. Em sentido próprio, o mesmo verbo significa atacar de novo, retomar, recuperar. Por sua vez, re-pet re, deriva-se de pet re: dirigir-se para, procurar atingir, atacar e ainda acercar-se de, procurar, pedir, solicitar.

Em que pesem os sucessivos deslizamentos de sentido, implica-se aí um sujeito que se acerca de, ataca, retoma e recupera algo. Talvez por isso, no que diz respeito às relações humanas e à linguagem cotidiana, o repetir venceu a concorrência com o iterar. Sua distribuição se ampliou tanto que o verbo iterar e o substantivo derivado iteração ficaram praticamente restritos à linguagem das ciências físicas e matemáticas, aplicados a equações não-lineares de enorme ocorrência. Se no repetir prevalece o fazer igual, na iteração é significativa a força gerativa da discrepância. Briggs e Peat definem a iteração como *uma realimentação que implica a contínua reabsorção do que aconteceu antes*. E, sobretudo, enfatizam que a iteração aparece em quase tudo. Desde a natureza e seus sistemas macro que afetam o micro, como se deu conta o estudo da meteorologia, aos sistemas tecnocomunicacionais como constatou a pesquisa da inteligência artificial, ao ciclo de reposição das células do corpo, objeto da nova biologia.

Esse efeito iterativo parece profundamente implicado no processo de geração, expansão e evolução da vida. Assim, a iteração, como senha mágica, conjuga estabilidade e mudança em mútuos reflexos em que matéria e vida se geram. Briggs e Peat sinalizam ainda que a iteração realimenta também a linguagem.

Repensemos agora cérebro, mente e linguagem. Como pensamentos, emoções e palavras mutuamente se realimentam? Prigogine, por sua vez, nos ajuda a pensar que o cérebro se programou para tornar-se tão instável que ao mais leve movimento possa responder com uma nova ordem. Na minha hipótese, de modo análogo ao aforismo da borboleta, cada palavra pronunciada se realimenta de outras anteriores, afetando em maior ou menor medida, a paisagem mental, afetando processos de que emergem compreensão e intuição, criação e aprendizagem.

A linguagem só aparentemente se dá no tempo cronológico. Pondo em jogo ditos, não ditos e interditos, a linguagem se dissemina como rizomas, se refrata e se reconfigura na polifonia de um tempo volumoso. Lloyd sinaliza que Grécia Antiga se fazia necessário um *extenso vocabulário para designar fenômenos temporais*. *Chronos* servia para para

designar intervalos de tempo, duração; *aiôn* podia designar jogo, eternidade; *ethos* era usada para indicar passagem dos anos, *êmar* para significar dia, e *kayros*, a exata medida que significa momento favorável, oportunidade de eventuais visitas dos deuses. Nesse tempo volumoso tudo se entretetece, dinamizando o processo de realimentação a partir da contínua reabsorção do já acontecido.

Porém, como as iterações puderiam concorrer para que a capacidade de compreensão da espécie humana se refinasse a ponto de capitalizar para si ou para seus inventos o que era especialidade particular de cada espécie e, sobretudo, pudesse criar a linguagem?

Curiosamente vários pesquisadores, mesmo privilegiando diferentes abordagens nessa extensa evolução, vão se aproximando quando explícita ou implicitamente associam seja o sentir e o manipular, seja a linguagem e o ver, ao compreender. Canetti destacou o tato longamente especializado entre os macacos que examinavam e catavam a pelagem *uns dos outros* para enfatizar o poder da mão: tocando e acariciando, experimentando e criando, produzindo e destruindo...Bergson, por sua vez, viu a intuição necessária à criação como o que sobrou do instinto, indispensável à leitura de indícios e à tomada imediata de decisão em que um átimo de segundo faz toda diferença em termos de sobrevivência da espécie. Bateson priorizou uma gramática da visão, predominantemente inata, cujo uso permitiria aos animais superiores *ler traços ocultos dos objetos, prever seus estados futuros imediatos e ler a realidade a partir de seus próprios olhos*. Cyrulnik vem longamente se ocupando da questão do sentido, insistindo em resgatar um elo entre a percepção animal e a humana em permanente interação com o meio e o outro. Nenhum deles se referiu à iteração, mas no avesso ela não estaria implícita?

Nesse sentido, é possível encontrar pistas nos registros de Cyrulnik a partir do comportamento dos macacos diante de situações desafiadoras. Sedento, nosso macaco experimentou, reiteradas vezes, alternativas para sorver a água encontrada nos ocos das árvores. Primeiro ensaiou introduzir a boca nas reentrâncias; depois serviu-se dos dedos, sugando-os. Por fim, sempre em busca de maior eficácia na relação custo benefício, recorreu à invenção do objeto, uma espécie de esponja feita com folhas mascadas. Como sublinha Cyrulnik, ele “sabia”, por antecipação, que poderia beber a água da esponja. “Sabia” igualmente que precisaria aguardar algum tempo para que as folhas estivessem

bem embebidas. Ou seja, um modo de perceber foi sendo produzido a partir de várias experiências. Mera repetição, ou iteração realimentadora que se abriria à criação do objeto?

Tanto a linguagem dos macacos, rica em expressões e gestos, como sua capacidade de invenção se dá na presença do que, se apresentado, os afeta diretamente. Na hipótese que avalizo, não se trata de oposição entre uma linguagem afetiva – a dos macacos e outra objetiva – a humana. Mas de uma reconfiguração que incorpora, recria e re-significa a linguagem adequada a um modo de vida, a partir de práticas iterativamente capitalizadas e reinvestidas. Na linguagem como na vida, *nada se perde, tudo se transforma...*

### **Iteração, interação e criação dinamizando aprendizagem e desenvolvimento**

Retomo contribuições de Cyrulnik, agora a partir de uma seqüência de cenas filmadas a partir do seguinte protocolo de pesquisa: diariamente e por alguns minutos, um bebê, colocado em sua cadeira, tinha diante de si um objeto desejado, porém fora de seu alcance. Durante muitos dias seguidos, as cenas filmadas registraram um quadro típico de hipercinestesia. Vendo frustrado seu esforço, o bebê se contorcia, chorando e estendendo a mão espalmada para o objeto. Até que num dado momento verificou-se uma mudança comportamental, assim registrada por Cyrulnik :

*De repente, entre o décimo e décimo primeiro mês entre as meninas e o décimo segundo e o décimo terceiro mês entre os meninos, vê-se uma mudança comportamental facilmente percebida no videocassete. Como resultado da maturação biológica a criança pára de estender os dedos abertos. O acontecimento se produz: ela começa a apontar o dedo.*

Para Cyrulnik, médico e etólogo, a leitura do evento passa pela matriz biológica da maturação. O mesmo acontecimento, caso fosse lido com as lentes teóricas de Vygotsky, poderia evidenciar uma inter-relação entre desenvolvimento e aprendizagem. A criança não só aprende a noção de limite – ela não poderia por si mesma alcançar o objeto cobiçado, como aprende a necessidade de interação com alguém capaz de fazer a intermediação. Briggs e Peat me instigam a ver, no avesso das experiências, a iteração acionando um processo de realimentação, culminando num modo peculiar de recriar a representação em que o bebê se comunica conjugando uma dupla linguagem -

os olhos se dirigem para o sujeito de quem espera mediação e o dedo indicador se orienta para o objeto cobiçado.

Nesse ponto, Cyrulnik enfatiza o quanto a interação se reveste de afetividade. Ao efetuar o gesto designativo, o bebê olha em direção daquela que ele vem chamando de *figure attachment* - a mãe ou outro adulto ao qual esteja ligado. Razão por que o aparecimento da linguagem, para ele, tem por *base um conjunto comportamental designativo, que pressupõe uma maturação biológica determinada, se instaura, não quando o bebê se vê frente a frente com a coisa que ele designa, mas em presença de uma dupla referência afetiva à coisa e à figura de apego.*

Novamente a iteração, a interação e a recriação, mutuamente se conjugam, dinamizando aprendizagem e desenvolvimento. Por trás da emergência do gesto de apontar o dedo, estaria a iteração como processo de realimentação e reelaboração das sucessivas experiências frustrantes anteriormente vividas. Isso sem contar que, fora dos protocolos de investigação, o jogo cotidiano da interação entre a mãe e o bebê, continuamente realimentado, concorria, indiretamente, para que a criança, num dado momento da experiência reiterada, fechasse o *puzzle*, compreendendo a necessidade da intermediação. Não se trata, portanto, de um círculo que se fecha na repetição mecânica, mas de uma espiral que se realimenta da dinamicidade de iterações e interações, abrindo-se a possibilidades de recriação até mesmo a partir da impossibilidade.

Quanto à criação, ela se indicaria na emissão de uma proto-palavra simultânea ao gesto de apontar o dedo e na recriação do próprio gesto de apontar o dedo que não só representa o objeto, como lhe imprime desejo e vontade potentes o bastante para mobilizar a intermediação. A legenda da cena do apontar o dedo poderia ser: *Eu quero e não posso, mas através de você vou poder.* A confiança implícita, advém do laço entre o bebê a mãe, como *figure d'attachement*. A expressão usada por Cyrulnik, já foi traduzida entre nós como figura de vinculação e figura de apego, mas prefiro traduzi-la mais livremente como figura de aconchego. Retomo assim o sentido etimológico de aconchegar – chegar com – considerando a cumplicidade de quem ajuda o bebê a chegar no mundo exterior, no mundo da palavra, no mundo que a saga humana vem produzindo e que o recém-chegado precisa recriar, nele habitando e dele se apropriando.

### **A espiral criadora da poiese no produzir, produzindo-se**

Tomo como ponto de partida a hipótese de que a possibilidade de fazer-criar seja um motor do processo de hominização alimentado pelas linguagens verbal e não verbal. Avanço a hipótese de que a linguagem aciona um duplo movimento – centrífugo e centrípeto: não só os humanos agem com ela e por meio dela, recriando novos modos e fazeres, que demandam outras palavras e textos para novos contextos, como também a linguagem atua poieticamente sobre a mente de quem dela se apropria.

Poiesis: fazer, fabricar, executar, confeccionar, criar, produzir, agir, ser eficaz, compor um poema (acepção pós-Homero).

Na antigüidade clássica, os gregos valiam-se da palavra *poiesis* com múltiplas acepções que se dinamizavam no estar no mundo, na vida cotidiana em que agiam, produziam, criavam. A *poiesis* expressava uma ação tão marcadamente humana que só raramente tal verbo era usado em relação a Zeus e ao Criador (como se lê em Platão (Timeu) e Hesíodo (O trabalho e os dias). Ocorre que as palavras uma vez cunhadas, rolam como seixos, atiram-se na corrente comunicativa, moduladas pela polifonia de muitas vozes. As palavras, além de usadas, são apropriadas e recriadas. Assim, na dinamicidade da linguagem, vão ganhando maior ou menor distribuição, seus sentidos vão se anuando, suas acepções são ampliadas ou reduzidas em sucessivos deslocamentos.

Assim pensando, proponho trabalhar a palavra *poiesis* como um mapa, uma cartografia dos modos de fazer-pensar, refletindo mudanças no tempo e no espaço. Essa espiral em movimento dinamiza um processo realimentador da aventura humana, conjugando criação e conhecimento. Resgatar a palavra *poiesis* é radicalizar o sentido etimológico primeiro, aberto a todo o fazer humano. Mas não apenas isso. A cada uso, imagem, pensamento, objetos apropriados, recriados, inventados aciona-se também um fazer-se. Parodiando Vinicius de Moraes, no poema *Operário em construção*, o humano mais do ser construído se faz permanentemente ser em construção. Coincidentemente ouvi de um operário uma palavra que expressa a radical conjunção entre o fazer, o pensar e o fazer-se. Face à ordem recebida anteriormente do engenheiro comentou:

*Eu já entendi. Ele falou prá não usar a marreta que é pra não fazer estrago. Mas pode deixar, eu vou usar a marreta de jeito. A senhora pode apostar que vai dar certo. Eles falam lá e a gente pensa cá (e unindo a palavra ao gesto, apontou a própria cabeça).*

A análise do discurso revela que o operário fez uma leitura autônoma da ordem recebida. Ele compreendeu o sentido da ordem - o importante era produzir o efeito desejado sem fazer estrago, mas... Nesse ponto a adversativa quebra o acatamento literal à ordem de não usar a marreta e se abre à autonomia de quem pensa sobre o que faz – a eficácia de um jeito de que se apropriara, envolvendo arte e técnica de fazer. Também é extremamente significativa a oposição entre um lá de quem chega, dá ordens e sai, sem literalmente colocar mãos à obra, e um cá de quem vive o desafio cotidiano do fazer e precisa pensar soluções.

Todo dia ele faz *tudo sempre igual*? Mas como, se a cada dia algo se acrescenta, se dilui, ou se reconfigura em nossa experiência? A cada dia algum pequeno detalhe foi percebido e fez pensar, alguma nova apreensão do saber do outro foi recriada, alguma pequena invenção de um jeito senão mais fácil, rentável, foi sendo produzida. Na pior das hipóteses, haveria aí algum desgaste, um fazer e um fazer-se em que algo se perde e se ganha... Ainda e sempre, a iteração se processa contínua e dialogicamente a partir da interação com o outro, falando à imaginação e acionando a recriação.

### **Iterações dialogizadas nas conversas cotidianas, por que não?**

As conversas cotidianas... Delas somos objeto, antes mesmo de nascer. Nelas, a linguagem viva realimenta a correnteza comunicativa. Impregnados de palavras, aprendemos a fazer uso delas e a indagar de seus segredos, a trocar conhecimentos e contrapor traduções..

À guisa de exemplo, recuperamos uma narrativa capaz de traduzir o processo realimentador presente nas palavras nas quais habitamos e somos habitados. Trata-se de uma conversa de Maturana com seu amigo e filósofo José Maria Bulnes, que comentava o dilema de Cavaleiro Quejana entre a *poiesis*, caminho das letras e a *práxis*, caminho das armas, escolha esta que o transformaria no famoso Don Quixote de la Mancha.

Ouvindo isso, Maturana, estudioso do ser vivo, começou a pensar que aquela palavra convinha à sua própria pesquisa. Enunciada, a palavra *poiesis* cumpria seu destino iterativo de palavra, realimentando o pensamento de Maturana a designar como *autopoiesis* a organização do vivo. Palavra puxa palavra, pensamento chama pensamento. A idéia foi reiterada e produtivamente discutida com Francisco Varela, tornando-se uma

palavra-chave no trabalho de pesquisa realizado em cooperação. A noção de autopoiese passou a caracterizar de modo necessário e suficiente a organização dos sistemas vivos, no interior de um processo permanente de trocas, de desconstrução e reconstrução em favor de uma identidade circular. No entanto como diferem as narrativas Varela e Maturana rememorando a experiência vivida! O consenso impossível entre as duas versões terminou por justificar dois prefácios escritos em separado para uma reedição de um livro produzido em co-autoria: *Máquinas e seres vivos*. Ser-com-outro implica portanto remansos de encontros, e turbilhões de desencontros.

Outro exemplo extremamente significativo do poder da palavra são os metálogos registrados por Bateson, recuperando conversas verdadeiras porque verossímeis entre ele e sua filha. Tais exercícios iterativos e interativos de pensamento, se é que se pode chamá-los assim, são acionados por questões a partir de conteúdos problemáticos, tais como: Por que as coisas se desarrumam? Pai, o quanto tu sabes? Por que as coisas têm contorno? Cada pergunta emerge de um processo de observação que instiga o pensamento a perguntar e, por outro lado, as perguntas acionam o pensamento a pensar o não pensado e, portanto, descobrir e inventar.

Nesses metadiálogos, a despeito de quem se coloque na posição de locutor, o interlocutor não se coloca na condição de receptor passivo de uma comunicação ponto-a-ponto. Mas foram precisos longos séculos para que o discurso monológico evidenciasse brechas e as vozes discordantes se fizessem ouvir. No mundo excessivamente marcado por interdições, as discrepâncias eram senão invisíveis, sufocadas, num contexto predominantemente monológico. Bakhtin enfatizou o romance de Dostoiévski, como representativo da ruptura com um monologismo ainda vigente no século XIX. A seu ver, a mudança radical deflagrada por Dostoiévski, caracterizava uma revolução copernicana em que os personagens, e junto com eles o leitor, ganharam uma surpreendente autonomia.

À guisa de exemplo, tomo *Um romance em nove cartas* em que a arquitetura radicalmente revolucionária concebida pelo romancista. O texto traduz o problema da responsabilidade em suas modulações entre extremos de encontros e desencontros, nas cartas trocadas entre dois personagens. O personagem narrador é praticamente eclipsado, aparecendo nas páginas finais, quase à guisa de uma rubrica teatral, para introduzir duas cartas femininas que repentinamente se atravessam na troca de correspondência. O leitor é



chamado a urdir a trama a partir de indícios que se disseminam, desde o nome dos personagens à mudança de clima anunciada nos vocativos, passando pelas interpelações, insinuações sobre um terceiro personagem, silêncios, assuntos desviantes e a surpresas finais. Longe de tomar o leitor pela mão, Dostoievski o convida a compor um romance a partir de nove cartas reticentes...

Possivelmente um dos pontos críticos da compreensão do dialogismo bakhtiniano estaria nessa ruptura com a posição **privilegiada** do autor (a chamada exotopia **superior**), fechada num único ponto de vista. Como o autor pode não passar *de um participante do diálogo e ser também seu organizador*? Diante desse ponto crítico, Bakhtin nos ajuda a ver que essa arquitetura do texto faz a diferença entre o Dostoievski jornalista e o romancista. O primeiro toma partido e argumenta no sentido de convencer; o segundo se retrai, orquestrando a polifonia do romance. Assim o fazendo, as vozes dos personagens e seus pontos de vista conflitantes se fazem ouvir, produzindo efeitos de sentido plurais como na vida onde as regras estão postas, mas as relações estão em jogo.

Conseqüentemente, o romance sensibiliza o leitor, instigando-o a especular e a refletir, a ler e ser lido pelo texto que o (co)move. Ao se dar conta disso, Bakhtin mesmo tendo criado a oposição entre o romance monológico e o dialógico, terminou por desconstruí-la, passando a considerar que o dialogismo transversaliza qualquer texto. Mesmo conduzido e construído monologicamente segundo o ponto de vista do autor, o leitor poderia dialogizar o texto, segundo seu modo peculiar de ver.

#### **A mídia entra em cena: iterando, interagindo, recriando...**

É próprio do modo humano de ser capitalizar em cima de cada invento, descobrindo um outro uso, enriquecendo e reconfigurando práticas antigas. Na Grécia Antiga, a oratória merecia destaque na educação, até que o surgimento da escrita alterou as regras do jogo, produzindo novas configurações. A retórica deixou de ser ensinada, talvez porque a arte de convencer já estivesse disseminada e incorporada aos discursos cotidianos. O poder, antes reservado à arena da oratória, foi sendo incorporado pelo texto escrito.

Mas essa revolução não se deu de repente. Cada invenção humana entra na corrente de realimentação contínua do processo de recriação. Com a escrita não seria diferente: dos suportes de texto às práticas leitoras, nada se perde mas se re-significa e

transforma, inclusive o estatuto do leitor. Da rigidez da pedra, ao barro amoldável só a princípio, do papiro ao papel e mais recentemente às telas de vídeo se projeta uma radical mudança pelo menos do que materialmente se dá a ver. A forma se transforma junto com a matéria, do rolo, ao códice, chegando, na entrada da modernidade ao livro, por sua vez, tende a ceder espaço aos livros eletrônicos da contemporaneidade. Porém, da técnica mais simples à sofisticação da tecnocomunicação, o poder hegemônico, centralizado nas mãos de poucos, sempre delas se apropriou, traçando estratégias de controle, difusão e programação. Enquanto isso, a par dos que aprendem a fazer da leitura da palavra, leitura da palavra mundo, desenvolvendo táticas e astúcias de acesso a técnicas e linguagens como instrumentos de luta; os muitos seguem alienados dos bens culturais. Tornam-se reféns do que Muniz Sodré chama de *agenda mediática* que confere uma *organização particular dos fatos do mundo*, ensinando não o que pensar, mas como *pensar*. Selecciona-se o que dar a ver e condena-se à obscuridade questões e paradoxos que possam instigar o pensamento.

Porém, direta ou indiretamente, escrita, fotografia, rádio, televisão, informática e até a arte, tornaram-se reféns do modelo capitalista e concorrem entre si na disputa de mercado consumidor e das verbas publicitárias. Nesse campo de luta, todos aprendem com todos e contra todos. As regras do jogo vão sendo criadas durante o jogo mesmo, em que inventar, cada vez mais depressa, é preciso. Como sintetiza Muniz Sodré, a natureza do poder da mídia é tal que *acaba servindo aos interesses de grupos internos resistentes à mudanças sócio-econômicas, potencializando, junto às massas, miragens*.

Tudo em nome da realimentação do consumo. Sobretudo, um círculo de ação e retroação cada vez mais se dinamiza: a publicidade sustenta a programação e a programação sustenta a publicidade. Reduzida à fração irredutível, toda publicidade produz uma iteração que dinamiza crescentemente a indução ao consumo. O intervalo vem a ser o verdadeiro texto da mídia...

Em se tratando de comunicação, nenhum meio, nenhuma linguagem aniquila as demais. O curioso é que se chegou a anunciar que a imprensa seria destronada pelo rádio, este pelo cinema que seria derrubado pela televisão que, por sua vez, perderia espaço para o computador. Eis que os jornais se multiplicam, as revistas se especializam, o rádio nos acompanha do carro ao elevador e ao consultório do dentista, a TV se dissemina em

alternativas independentes e o computador, bem esse invadiu até o espaço das bolsas de valores, sob o risco de uma tecla acionada ao acaso, deflagrar uma monumental queda da bolsa, a exemplo do aforismo da borboleta. Mas, sobretudo, há uma espiral em movimento em que tudo se dialogiza, ou vários planos se transversalizam.

É verdade que num dado momento, face à concorrência, cada meio precisou se reformular para não perder mercado, a exemplo da crise enfrentada pelo rádio. Em 1962, as verbas publicitárias se dividiam quase equitativamente entre rádio e TV, mas dezesseis anos subsequentes, enquanto a verba publicitária da TV se duplicava, o rádio experimentou uma retração equivalente à terça parte de sua participação. A reação foi acionada a partir dos modelos portáteis que a tecnologia dos transistores tornava possível e cada vez mais acessível. Recordo Macabéia, personagem de *A hora da Estrela*, em quem Clarice Lispector sintetizou a exclusão e, a despeito dela, a vontade de se informar e saber, de ter com quem trocar encontrava no rádio uma sintonia possível. Mais recentemente, os apresentadores descobriram a senha da linguagem coloquial. Conversar com o ouvinte, chamá-lo a interagir e participar vem sendo uma estratégia criada, recriada e imitada. A gíria, o discurso ambíguo e cheio de malícia são alguns ecos de uma carnavalização popularesca em que a paródia, o corpo, o baixo calão produzem audiência, ainda que minimizados em sua força regeneradora.

Por outro lado, diante do avanço crescente dos computadores domésticos e TVs alternativas, a televisão também aposta na reinvenção. A rede líder, perdendo audiência nos segmentos A e B, tenta ampliar seu espaço junto às demais classes, apelando para estratégias de popularização similares às do rádio. E o faz, sobretudo, a partir de estratégias de simulação de interação. A televisão não só convida o telespectador a participar das pretensas decisões na montagem do programa, como tenta atrair o telespectador de ontem, hoje infonauta, a penetrar no mundo da TV pela INTERNET. Trata-se de uma simulação, porém verossímil o bastante para cooptar o telespectador.

Quanto à publicidade, a palavra de ordem também é a criatividade. Quando se olha para o passado ainda recente e se comparam as publicidades, quanta diferença! A informação era a palavra de ordem de anúncios antigos publicados em revistas na década de 1930. A fórmula primeira dos anúncios objetivava destacar QUE produtos, QUEM vende, PARA quem? ONDE? Um grande Magasin, por exemplo, exibia, de preferência, o

quão era diversificada sua pauta de produtos. A marca e a qualidade do produto eram também reafirmados. A precariedade dos recursos era visível na rara presença de cores nas imagens desenhadas, estando ainda ausentes as fotografias, de custo proibitivo na época. O contexto aparecia em *off*, seja num traço do estilo de época, seja na referência a eventos.

Naqueles primeiros tempos heróicos do rádio e da televisão, a propaganda, de tão monótona, levava o telespectador a aproveitar o intervalo para sair da sala. Drummond não só criticava a sociedade de consumo, como satirizava a linguagem publicitária em suas crônicas entre as quais uma intitulada *O que você deve fazer (se for bom leitor de jornais e revistas, obediente telespectador ou simples passageiro de bonde)*. A crônica se resume numa bateria de cerca de 50 paródias de mensagens publicitárias, predominantemente **imperativas**. Na última delas, o imperativo cede lugar à profecia, dialogando ironicamente com o título: *A clínica Andorinha espera você para uma terapia profunda*.

Certamente a ciranda do produzir-consumir continua a reclamar terapia, mas a linguagem publicitária vem se esmerando cada vez mais na arte da sedução. Decorridos setenta anos, as perguntas se fazem a partir do público alvo a atingir: QUEM compra, O QUE deseja, COMO adequar o produto ao seu perfil? QUAL o seu estilo de vida? QUE LINGUAGENS usar para conquistá-lo? No jogo de espelhos da *máquina de narciso*, é possível ler uma inversão da relação figura e fundo. Se no passado o produtor, o produto e a marca ficavam em evidência, na atualidade, o consumidor, seu perfil, seus desejos são propositalmente colocados em foco, neles se refletindo o produto. Mais que informar, trata-se sobretudo de seduzir. Para isso vale até vincular um novo produto a outro já consagrado, como na publicidade de um certo guaraná. Vale ainda apelar ora para a imagem dos ídolos, ora para gente sem nenhuma importância e *glamour*, segundo a intencionalidade seja marcar o status de um produto elitizado, ou generalizar sua aceitação.

Outra mudança de estratégia ressalta nitidamente da comparação entre uma série de anúncios publicada na revista *Visão* da década de 1950 e uma outra publicada na revista “O Globo” 2000, cinquenta anos depois. Em ambas as séries, trata-se de um texto narrativo. Porém, na série antiga, um narrador toma a palavra para contar um episódio que ilustra o quanto é singular o serviço de determinada companhia aérea. Na série atual, o narrador-personagem conta acontecimentos do seu cotidiano, do qual determinado Banco

faz parte. Essa assunção do suposto cliente à condição de narrador implica um esforço em se criar a voz verossímil do personagem e lhe passar a palavra, de tal modo que o leitor se identifique com o texto e, por extensão com o banco. De qualquer modo a mídia trata de se adequar aos novos tempos para sobreviver.

### **Aprendendo com o inimigo**

Na escola, freqüentemente se maldiz o advento da tecnocomunicação, canto de sereia que influencia e hipnotiza as crianças. Na TV, os programas se fazem pretexto de um texto centopéia que assume mil formas de produzir o desejo compulsório de comprar.

Ao contrário da sala de aula que tem auditório cativo, mesmo se não cativado, a publicidade precisa seduzir e cativar, convencer e interagir, provocar iterações e, nesse ressoar, produzir a redundância na medida certa para o reforço da mensagem. Curiosamente, a descontinuidade da programação e dos intervalos publicitários produz o efeito iterativo de um continuum...Já a escola prima por graduar dificuldades, sistematizar o ensino, cobrar um feedback imediato, objetivando um continuum de conhecimento crescente, sobretudo no domínio da linguagem escrita. No entanto, esse continuum, na prática, abre verdadeiros abismos por onde resvalam o sentido do fazer, provocando um descontinuum desvitalizado, cujo sentido, freqüentemente, se restringe ao diploma a obter.

Na minha hipótese, existe uma cultura escolar que prioriza mais o repetir que o iterar e, portanto, o ledor em lugar do leitor. Quero enfatizar que leitor e ledor se implicam na condição de ser-leitor. Não se trata de diferença substantiva, mas de matizes e refrações. Ainda assim, tentarei explicitar a compreensão anuancada que venho elaborando. **Ser-leitor** - condição inerente ao ser humano, para quem ler e compreender o mundo é inapelavelmente um cotidiano exercício de leitura indiciárias e antecipatórias, de apropriações do fazer do outro, de recriações e descobertas em que fazer é pensar e abrir novas possibilidades; até por que aos seres humanos não basta sobreviver, é preciso ser mais, como enfatizava Paulo Freire. **Leitor** - aquele que vive o ato de ler o texto como uma experiência pessoal, que vai ao encontro de seu desejo de compreensão do mundo, de fruição sensível, de apropriação da beleza e do conhecimento presentes no texto. **Ledor** - aquele que vive o ato de ler em contingências desfavoráveis que podem inibir o desejo (pressa, cansaço, desinteresse...) ou enfraquecer a vontade (obrigação, rotina, sujeição,

desqualificação). No entanto, seja enquanto leitor, seja enquanto leitor, prevalece a condição de ser-leitor que pode se abrir à iluminação repentina dos *insights*.

Ora, os procedimentos predominantes na cultura escolar são predominantemente monológicos e voltados para o já dado. A começar da alfabetização, os métodos sintéticos ou analíticos partem da fragmentação ou terminam por fragmentar frases, palavras, sílabas. Por sua vez, os exercícios de interpretação de texto, desde logo, devem ser fiéis à reprodução, sem que se busque compreender a lógica das respostas desviantes. E, por fim, o texto termina virando pretexto para análises gramaticais. Finalmente, denunciada a pouca produtividade destas, a análise do discurso ocupa o centro da cena onde, anteriormente, pontificavam as análises morfológica e sintática. Tudo na boa intenção de que se compreenda melhor o texto e se possa dominar os recursos oferecidos pela língua.

Em contraponto, crianças realizam a incrível proeza de aprender a falar, sem que para isso se faça necessário o ensino formal. Desde cedo, aprendem a compreender o sentido das conversas dos adultos, depreendem insinuações, lêem implícitos e interdições, jogam com as frases e tiram partido delas. Em pesquisas já realizadas por mim, pude constatar que crianças de cinco anos já adequam o discurso ao auditório, usando recursos estilísticos para dar mais dramaticidade às histórias que narram. Quem lhes ensinou, não falou sobre, não ditou regras, apenas coloriu devidamente o próprio discurso, contando histórias e conversando em interações cotidianas. Ouvinte atenta e melhor aprendiz, a criança, na condição de ser-leitor, apreciou os efeitos desses recursos e deles se apropriou.

Há que se reconhecer, apesar de nossa crítica ao consumismo, que na escola a criança se sente como quem **deve fazer** os exercícios, já o telespectador é levado a **desejar**, a descobrir e “livremente” escolher sem perceber que recobre o risco arquitetado. A linearidade da escrita cede lugar ao efeito dialógico. Muitas peças publicitárias mensagem criam um clima, uma linguagem encantatória, produzindo belos acordes entre texto, música e imagens capazes de acordar sinestesticamente cheiros e toques. Mas a escrita pode produzir tais efeitos? Mario de Andrade aposta que nessa hipótese em *seu Prefácio interessantíssimo*, subvertendo a linearidade peculiar à escrita:

*Arroubos... Lutas... Setas.. Cantigas...*

*Povoar...*

*Estas palavras não se ligam. Não formam*

*Enumeração. Cada uma é uma frase, período elíptico, reduzido ao mínimo telegráfico.*

(...) *Lutas não dá conclusão  
alguma a arroubos e, nas mesmas condições,  
não fazendo esquecer a primeira palavra, fica  
vibrando com ela. As outras vozes fazem o  
mesmo. Assim: em vez de melodia (frase  
gramatical) temos o acorde arpejado, harmonia,  
- verso harmônico.*

O texto, assim urdido, deixa ressonâncias que nos envolvem em sua rede de significações. Como na metáfora de Guimarães Rosa, *redes são buracos que se amarram em nós* e, nesses vazios o leitor penetra, como quem mistura seus acordes aos do texto, com eles interagindo na condição de co-enunciador.

Estratégia semelhante vem sendo utilizada nos hiper-textos e CD-ROOMs que têm como atrativo, a par da combinação de diferentes linguagens, a pretensa possibilidade da descoberta, da escolha de caminhos, produzindo a sedução do que está permanentemente vivo, em movimento. De posse do “mouse” a criança se pensa um novo Prometeu, capaz de criar imagens, como num passe de mágica. Mas inteligente que é, tão logo descobre e domina as regras do jogo que se repete à exaustão, enjoa dele e passa a desejar outro. Jogo, como sabemos, é instigante por conjugar a regra à imprevisibilidade e as crianças são sábias o bastante para não perder tempo com a previsibilidade do já sabido.

Quer me parecer que está em marcha um resgate transformador dos antigos comentários exercitados na Idade Média. Os novos comentários invertem a prática dos antigos de pôr em questão as leituras dos Textos Sagrados. Trata-se agora de uma questão de leitura onde a divergência explicita o lugar das diferentes compreensões em vez de fechar a disputa sob rígida determinação superior. Isto porém não basta. Diante da revolução da Internet, anuncia-se uma crescente liberdade intelectual, sem mediadores, sem filtragem. Eis que a ética mais que nunca nos coloca a necessidade de pensar questões. Num tempo em que sobram informações, a par de uma crise de sentidos, textos de escritores e poetas podem comover e instigar, ajudando o pensamento a compreender e problematizar esse nosso mundo. Sobretudo, quando um(a) professor(a) convida alunos e alunas a pensarem, dialogando com a totalidade conteúdo forma do texto, refletindo e comentando e afirmando a sua palavra. Mais do que a hora e a vez do leitor, pode acontecer, então, a hora e a vez do leitor-autor. Aleluia! Nada mais emancipatório que a assunção consciente e responsável da autoria na produção da leitura e do texto.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário. Prefácio interessantíssimo. In *Obras completas de Mário de Andrade* v. II São Paulo, Martins Editora, 1966.
- BAKHTIN, Mikail. La poétique de Dostoievsk. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
- \_\_\_\_\_. A estética da criação verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de *François Rabelais*. São Paulo, HUCITEC, Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1993.
- BERGSON, Henri. *La pensée et le mouvant*. Paris, PUF, 5<sup>ème</sup> édition, 1996.
- \_\_\_\_\_. *L'évolution créatrice*. Paris PUF, 5<sup>ème</sup> édition, 1991.
- BATESON, Gregory. *Metadiálogos, trajetcos*. Lisboa, Gradiva, 1996.
- CYRULNIK, Boris. *Memoire de singe et parole des hommes*. Paris, Hachette, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sous le signe du lien*. Paris Hachette, 1989.
- \_\_\_\_\_. *La naissance du sens*. Paris, Hachette, 1991.
- \_\_\_\_\_. *De la parole comme d'une molécule*. Paris, ESHEL, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Les nourritures affectives*. Paris, Odile Jacob, 1993.
- \_\_\_\_\_. *L'ensorcellement du monde*. Paris, Odile Jacob, 1997.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. Um romance em nove cartas. In *Noites Brancas e outras Histórias*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1962.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo, Cortez, 1991
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- LLOYD, G.E.R. O tempo no pensamento grego. in *As culturas e o tempo*. Petrópolis, Vozes, São Paulo, USP, 1975.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da Leitura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos autopoiese – a organização do vivo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- SODRÉ, Muniz. *A máquina de Narciso*. São Paulo, Cortez, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Reinventando a cultura – a comunicação e seus produtos*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- ZACCUR, Edwiges. (org) *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.